

PROFESSOR VALE+

ADUFRJ CONVOCA ASSEMBLEIA E LANÇA AGENDA DE MOBILIZAÇÃO POR MELHORES SALÁRIOS Págs. 4 e 5

ANA LÚCIA FERNANDES



SÉRIE ESPECIAL **Muito além do teto: Educação Física sofre os efeitos do abandono**

A queda de parte da cobertura da Escola de Educação Física e Desportos, no dia 6, escancarou a degradação das estruturas da universidade. É por lá que o Jornal da AdUFRJ inicia a série de reportagens especiais sobre condições de trabalho. **Páginas 2 e 3**

CONDIÇÕES DE TRABALHO

NÃO É SÓ O TETO...

A Escola de Educação Física já sofria com a deterioração das instalações antes do desabamento de parte da cobertura que interditou a unidade desde o dia 6. Cursos sem o prometido prédio próprio, quadras e campos externos abandonados, estacionamento parcialmente fechado, tampas quebradas de bueiros e fossas, iluminação deficiente e pessoas em situação de rua circulando nos arredores. Não por acaso, a EEFD foi escolhida para iniciar esta nova série do Jornal da AdUFRJ sobre as precárias condições de trabalho e ensino na universidade. Confira a seguir.

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Um pedaço da gente que desabou". O depoimento do professor Frank Wilson, chefe do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), diz bastante sobre o desmoronamento do beiral do telhado da unidade, pouco depois das duas da tarde do dia 6. As salas 318/320 e 322/324 (geminadas) haviam sido adaptadas — com muito esforço, ao longo de anos — para atividades práticas dos cursos de Dança e



DESABAMENTO DO DIA 6 levou à interdição do prédio e à suspensão das aulas. Comunidade aguarda escoramento emergencial

EEFD em números:

Área construída:
18.832m²

113
professores,
sendo
10
substitutos

82
técnicos

2.495
alunos de graduação

185
estudantes de pós
stricto sensu

575
estudantes de
lato sensu

FONTES: ETU e direção EEFD

foram as mais atingidas pela queda dos destroços. Desde então, o prédio ficou interditado e as aulas, suspensas.

A Dança já havia enfrentado uma série de adversidades no primeiro semestre deste ano, quando a mesma ala afetada pelo desabamento ficou sem luz em 18 de abril. O cabo de energia da subestação que alimenta aquela parte do prédio precisou ser trocado. Até a conclusão de todos os procedimentos burocráticos da compra, metade



ZERO PONTO quadras externas estão deterioradas

do período transcorreu com ajuda de geradores. E, de início, o equipamento só funcionava de 17h às 22h. "Que era o horário dos cursos noturnos, mas a Escola funciona o dia todo. Tivemos que fazer uma gambiarra bem feita para poder ter o mínimo: ligar uma caixa de som ou um projetor", relata Frank, docente da casa há 25 anos.

Nada disso estaria ocorrendo, provavelmente, se os cursos da Dança estivessem abrigados em prédio próprio, prometido durante a época do programa de expansão das universidades federais (Reuni), nos anos 2000. "A verba do Reuni que veio para a universidade não chegou para

a Dança", lamenta. "Não é falta de ação nossa. Não é por falta de ideias. Para a gente, é sempre uma luta muito grande".

SEM DINHEIRO

O professor Waldyr Ramos tinha acabado de dar aula de natação e saído do prédio quando o desabamento aconteceu. "Eu estava muito próximo. É um dos pontos de entrada na piscina olímpica".

Há 46 anos na EEFD e diretor em quatro oportunidades, Waldyr atribui a atual crise às oscilações dos governos. "Não existem planos perenes para a educação. E os quatro anos do governo Bolsonaro foram terri-

veis para a universidade, além da pandemia", afirma. "Não tem dinheiro para nada", completa. O orçamento participativo da unidade — verba recebida para despesas do dia a dia — é de apenas R\$ 280 mil para todo o ano. Muito pouco para um gigante de mais de 18 mil m² de área construída e 51 anos — a Educação Física existe desde 1939, mas o prédio da Cidade Universitária foi inaugurado em 1972.

Nem algumas reposições, aparentemente simples, podem ser realizadas. Antes do coronavírus, os aparelhos de ar-condicionado das salas de departamento foram roubados. "Até hoje não foram repostos", afirma o ex-diretor. "A sala de musculação carece de obras. Nossa pista de atletismo nunca foi remodelada", acrescenta.

O ex-diretor lembra com saudade da beleza — hoje perdida — das quadras localizadas ao lado da Escola, a caminho do alojamento, nos anos 70. "Aquela área foi construída para receber as aulas da educação física obrigatória de todos os cursos. Nós atendíamos todos os calouros que entravam na universidade, por dois períodos. Recebíamos 5 mil, 6 mil alunos no Fundão e na Praia Vermelha". Waldyr diz que elas se deterioraram com o crescimento da violência na cidade. "Começaram a ficar pouco frequentadas". As

tabelas das quadras de basquete, sem as cestas, estão enferrujadas. As marcações do chão estão apagadas em muitos lugares.

Apesar de reconhecer os problemas da unidade, Waldyr considera que não existe uma situação catastrófica. Cita a reforma da piscina por ocasião dos Jogos Olímpicos de 2016, quando a Escola virou local de treinamento para algumas delegações. "Houve melhorias grandes nos vestiários. E as salas estão com um bom mobiliário. O que falta, em geral, é equipamento multimídia que está sendo adquirido aos poucos", explica. "A Escola também está bem cuidada pela equipe de terceirizados que está conosco há muito tempo. Mas não existe equipe de manutenção".

"NEGADO OLÍMPICO"

Com a falta de manutenção, os estudantes concordam. E não é preciso nem entrar no prédio para perceber as falhas. Além da reforma da piscina olímpica e dos vestiários, nos Jogos de 2016, a UFRJ ganhou dois campos de hóquei sobre a grama e um de rúgbi, depois do Restaurante Universitário Central. O "legado olímpico" externo está abandonado. Henrique Auxêncio, que completou o curso de licenciatura em Educação Física e hoje está no terceiro período do bacharelado não economiza na crítica. "Chamamos de nega-

CONDIÇÕES DE TRABALHO



MENOS VAGAS parte da frente do estacionamento está fechada. Há risco de afundamento

do olímpico".

O integrante do centro acadêmico também aponta um problema difícil de ser identificado por quem não conhece a Escola. No estacionamento em frente à portaria principal, a parte final está interditada desde 2019 por risco de afundamento. "Se desabar, desaba em cima do ponto de ônibus", afirma.

A iluminação também é precária neste mesmo estacionamento e inexistente nas quadras laterais — a reportagem foi avisada pelo próprio vigilante da portaria principal para ter cuidado com o celular. É fácil observar pessoas em situação de rua nos arredores. "Não tem segurança", resume Henrique.

RESPOSTAS

O Escritório Técnico da Universidade ainda busca respostas para o desabamento do beiral, mas depende de uma obra de segurança para aprofundar a investigação. "Só depois do escoramento preliminar poderemos fazer inspeções mais minuciosas diretamente sobre o trecho desmoronado", afirma o diretor do ETU, professor Roberto Machado.

Questionado se o desmoronamento não poderia ter sido previsto e evitado, o ETU informou que "o prédio da EEFD tem histórico de intervenções de recuperação extensa em 2011-2013, e não apresentava qualquer indicio visual de um acidente dessas proporções".

Sobre o estacionamento na frente do prédio, o ETU confirmou o problema. "O muro é estrutural de concreto armado, como se fosse uma enorme caixa de 'areia', que está sofrendo recalque de seu piso de estacionamento. O isolamento é para evitar o afundamento desse piso". O Escritório afirma que só é possível fazer uma previsão de reparo quando houver recursos disponíveis.

A universidade corre contra o tempo para realizar o escoramento tão aguardado pela



OLHO NO CHÃO buraco no passeio que leva à portaria principal



ABANDONO legado olímpico não está sendo aproveitado

comunidade da Educação Física (leia na matéria ao lado). Pró-reitor de Finanças, o professor Helios Malebranche informa que não há, ainda, garantia de repasse do MEC para a obra. "Situações emergenciais estão sendo resolvidas com o exaurido orçamento próprio", afirma.

Sobre segurança, o prefeito universitário Marcos Maldonado ressalta que a Cidade Universitária é um perímetro aberto. "Circulam aqui, diariamente, 120 mil pessoas. Temos vários prédios inacabados e com pessoas em situação de rua. O que a gente vem fazendo é tirando todas elas. Mas a gente não tem como controlar quem circula na Cidade Universi-

tária o dia todo", afirma.

"Mesmo assim, a Diseg (Divisão de Segurança da UFRJ), o Rio + Seguro Fundão, o 17º Batalhão da PM e a 37ª DP (Ilha) vêm fazendo ações coordenadas, junto da Prefeitura Universitária, na questão da segurança". Maldonado observa que, segundo o Instituto de Segurança Pública, a Cidade Universitária é um dos locais mais seguros do Rio de Janeiro.

Diretora da EEFD, a professora Katya Gualter disse que não poderia conceder uma entrevista ao Jornal da AdUFRJ esta semana por falta de tempo. "Esta semana não tem condição", disse.

CONDIÇÕES DE TRABALHO: PROFESSOR, A ADUFRJ QUER SABER

Se a sua unidade também tem problemas de infraestrutura, mande uma mensagem para comunica@adufjr.org.br.



LAUDO Escritório Técnico libera utilização da área em verde

RETORNO SÓ APÓS OBRA EMERGENCIAL, DECIDE CONGREGAÇÃO

A Escola de Educação Física e Desportos só irá retomar as atividades no prédio após o escoramento da estrutura. Foi o que decidiu a Congregação extraordinária realizada, excepcionalmente, no auditório do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, dia 20.

Representantes dos professores, técnicos e estudantes avaliaram um laudo do Escritório Técnico da Universidade (ETU) que apontou blocos e acessos seguros para as aulas dentro da edificação, antes mesmo do escoramento, mas a maioria (11 a 7) preferiu esperar a obra.

Havia a possibilidade de ocupação parcial do prédio já a partir de segunda-feira. "A direção solicitou a todas as coordenações das graduações a demanda por salas de aula", disse a diretora, professora Katya Gualter. O objetivo seria a alocação emergencial das turmas nos espaços disponíveis, com todos os cuidados. A proposta não descartaria, por exemplo, uma subdivisão dos ginásios grandes para aulas teóricas, uma de cada lado.

"Projetos de extensão que ocorrem na EEFD ainda estarão suspensos, porque eles trazem um aumento de pessoas em circulação no prédio", afirmou a professora Francine Nogueira, coordenadora da licenciatura em Educação Física, que apresentou o estudo.

LAUDO TÉCNICO

O documento do ETU esclarece que os blocos A e B (em vermelho, na

imagem acima) "têm o mesmo sistema estrutural do elemento que entrou em colapso" e devem continuar isolados até análise mais aprofundada. Já a marcação em verde corresponde aos demais blocos (ginásios) e pátios não afetados pelo sinistro do último dia 6.

Para chegar aos ginásios, o Escritório sugere a abertura do portão do Bloco E, perto do Restaurante Universitário Central. A piscina olímpica poderia ser acessada pela portaria principal, mas as ruas próximas à parede devem permanecer fechadas.

NOVA CONGREGAÇÃO NO DIA 25

O processo da obra emergencial está sendo formulado pelo ETU em conjunto com a decania do Centro de Ciências da Saúde — ao qual a EEFD é vinculada. Se tudo correr bem, a parte contratual deve ser resolvida até a próxima semana. "Mas escorar é uma coisa; recuperar é outra. São processos diferenciados. A emergência é exclusivamente com relação ao escoramento", explica a superintendente do CCS, professora Anaize Borges.

O Centro também estuda o empréstimo de salas do prédio para ajudar os cursos da Educação Física. "Para o noturno. No diurno, infelizmente, não cabe mais uma mosca no CCS", diz Anaize.

Uma nova congregação da Escola ocorre segunda-feira, dia 25, das 13h às 15h30, no auditório Hélio Fraga do CCS, para decidir os próximos passos.

PROFESSORVALE+

Campanha salarial ganha fôlego com intensa agenda

> AdUFRJ reforça luta por melhores salários e condições de trabalho. Diretoria integra movimento nacional para pressionar parlamentares e governo federal pela recomposição do orçamento de 2024

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A agenda da AdUFRJ em torno da campanha salarial dos servidores públicos federais, em especial dos professores universitários, é robusta. Depois de o governo ter enviado ao Congresso o Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA), em 31 de agosto, com previsão para apenas R\$ 1,5 bilhão de gastos com os servidores, é a vez de as categorias do funcionalismo se mobilizarem para atuar junto à sociedade e aos parlamentares por mudanças na proposta.

Uma primeira notícia positiva é que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a ministra da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, esperam para maio de 2024 a geração de crédito extra no valor de R\$ 15 bilhões no orçamento. A possibilidade existe porque o arcabouço fiscal prevê a revisão dos gastos a partir da geração de superávit acima da meta. Lula e Esther querem utilizar parte desses recursos para concessão de reajuste aos servidores do Executivo federal.

A diretoria da AdUFRJ compreende que esta é a oportunidade de intensificar as ações em torno da campanha salarial. “Essa sinalização do governo é muito importante e demonstra o quanto devemos pressionar pelo reajuste salarial, por avanços na mesa setorial da nossa carreira e, ao mesmo tempo, manter um canal contínuo de diálogo entre os servidores e o governo”, avalia a professora Mayra Goulart, presidenta elei-

ta da AdUFRJ. “Só com muito diálogo e responsabilidade conseguiremos dar seguimento às nossas reivindicações”, acredita a docente.

ASSEMBLEIA

A AdUFRJ programou uma série de ações para a primeira semana de outubro e que serão discutidas na assembleia de professores, marcada para o próximo dia 26, às 10h. Uma delas é a paralisação das atividades docentes no dia 3. A data terá atos em todo o Brasil. No Rio, a concentração dos servidores da Educação será na Candelária.

MESA REDONDA

Outra atividade é a realização de uma mesa redonda para discutir orçamento, serviços públicos, arcabouço fiscal e o reajuste dos servidores. A atividade está prevista também para o dia 3, como parte das ações do Dia de Mobilização Nacional. Um dos convidados é o ex-reitor da UFRJ, o economista Carlos Frederico Leão Rocha.

PETIÇÃO NACIONAL

Uma ação em andamento é a confecção de uma petição nacional para sensibilizar a comunidade acadêmica e a sociedade e pressionar os tomadores de decisão sobre a importância do Serviço Público e do reajuste salarial dos servidores. A AdUFRJ articula o documento com a Adunifesp, a associação docente da Universidade Federal de São Paulo.

Presidente da Adunifesp, o professor Alberto Handfas considera que a criação de uma petição permite a capilarização das reivindicações dos professores e maior engajamento de outros docentes, alunos e da so-



cidade civil. “Percebemos que só as assembleias não estavam dando conta de atrair os professores, então pensamos outras ações, como visitas às unidades e a criação de uma petição, que pode ser compartilhada pela comunidade acadêmica e é aberta a toda sociedade civil”, conta.

O texto pede ao Legislativo e ao Executivo que disponibilizem verbas que garantam a recomposição do orçamento das universidades e o reajuste salarial. E reivindica a retirada de pauta da PEC 32, a proposta de emenda à Constituição que prevê a reforma administrativa. “A ideia é apresentar o documento em novembro aos parlamentares e também na mesa de negociação da nossa carreira”, explica o docente. “As assinaturas vão permitir maior pressão sobre os parlamentares e sobre o governo federal”.

A diretoria quer, ainda, o aval

“**Só com muito diálogo e responsabilidade conseguiremos dar seguimento às nossas reivindicações**”

MAYRA GOULART
Presidenta eleita da AdUFRJ

da assembleia para atuação em Brasília, durante a semana de mobilização dos servidores públicos federais. As ações vão integrar a Semana de Mobilização Nacional, entre os dias 1º e 7 de outubro. Estão previstas uma vigília na porta do Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, visitas aos gabinetes de parlamentares para debater orçamento federal, uma reunião do setor das Instituições Federais de Ensino do Andes, no dia 1º, e a participação no primeiro encontro do GT de Ciência e Tecnologia do sindicato nacional.

A agenda foi definida em Brasília, durante reunião do Fona-sefe - o fórum nacional dos servidores do Executivo, encontro que contou com a presença das professoras Mayra Goulart e Nedir do Espírito Santo, atuais diretoras da AdUFRJ e reeleitas para o segundo mandato (veja mais na página 5).

PROFESSORVALE+

ASSEMBLEIA
26/09 - 10h - sala 220, 2º andar,
Bloco D, Centro de Tecnologia

PAUTA
Campanha salarial

Evento presencial e via Zoom
<https://us02web.zoom.us/j/89062699410>

AdUFRJ

PROFESSORVALE+

CR discute mobilização e homologa eleição da AdUFRJ

> Diretoria do sindicato apresentou aos conselheiros as agendas definidas em encontro nacional e local de servidores públicos. Reunião também aprovou o pleito ocorrido nos dias 13 e 14 deste mês

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A diretoria da AdUFRJ convocou seu Conselho de Representantes na manhã de 22 de setembro para apresentar a agenda de mobilizações em torno da Campanha Salarial 2024 e homologar as eleições ocorridas nos dias 13 e 14, que deram vitória à Chapa 1, de situação.

Presidente da Comissão Eleitoral, o professor Felipe Rosa informou que o pleito aconteceu sem problemas. “Tivemos poucas candidaturas ao CR impugnadas por conta de prazo de inscrição das candidaturas ou de filiação. Esse ano, em particular, não tivemos disputas em nenhuma das unidades inscritas, então não tivemos surpresas”, informou o professor. Todos os 69 candidatos ao CR foram eleitos. Eles representam 31 unidades acadêmicas.

A professora Nedir do Espírito Santo, presidenta da AdUFRJ e vice-presidenta eleita, apresentou um conjunto de ações promovidas pela AdUFRJ e pelos fóruns nacional e regional de servidores públicos. “Vamos participar de todos os atos promovidos pelo Andes e Fonasefe em Brasília”, garantiu a dirigente. Mayra Goulart, presidenta eleita do sindicato, completou: “Queremos debater o espaço real de possibilidade para lutarmos pelo nosso reajuste e também para aumentar os repasses para a universidade”.

A diretoria da AdUFRJ vai defender, na assembleia do dia 26 (leia mais na página 4), a paralisação das atividades docentes no dia 3 de outubro. “Acreditamos que

a paralisação é importante para estarmos unidos ao funcionalismo público de todo o país em torno da campanha salarial. A diretoria entende que este é um momento importante de unidade”, afirmou.

Outro tema que ganhou espaço na reunião foi o chamado terceiro período letivo. Proposto pela reitoria, o período extra de aulas prevê que docentes deem aulas nas férias. A ideia é que não seja obrigatório, mas que abra possibilidade para aulas da grade curricular obrigatória e eletiva.

“Se coloca como não obrigatório, mas sabemos que nossos colegas substitutos não se sentirão seguros de dizer não a esse terceiro período”, criticou a conselheira Fernanda Vieira, do NEPP-DH.

A professora Leda Castilho, da Coppe, rebateu. “Quando eu era graduanda e presidente do diretório acadêmico da Escola de Química, a gente sempre pedia que fossem ofertadas disciplinas eletivas nas férias ou aquelas com muitas reprovações. Isso ajudava na organização dos alunos”, contou. “Entre 2015 e 2020, ofereci várias disciplinas intensivas nas férias. Vinham alunos da Farmácia, de outras engenharias, de biotecnologias. É uma demanda dos estudantes e eu acho que, como professores, nós temos que ouvi-los”.

O professor Ricardo Medronho, diretor da AdUFRJ, vê com bons olhos o chamado terceiro período, desde que não haja obrigatoriedade para adesão dos professores. “Isso permite uma maior flexibilização para o docente que quer passar um período no exterior em pesquisa e lhe dá possibilidade de repor esse tempo no terceiro período”.

LIDERANÇAS DO RIO DEFINEM ESTRATÉGIA

Além da agenda programada pela AdUFRJ, o Fórum de Servidores Públicos do Rio também definiu atividades para o dia 3 de outubro, durante encontro no dia 19. A professora Mayra Goulart representou a AdUFRJ. A docente defendeu unidade entre os trabalhadores e uma pauta salarial simples, que dialogue com a população e com servidores que não estão no dia a dia dos seus sindicatos. “Precisamos atrair pessoas que não necessariamente estão no nosso espectro político. Acreditamos que o nosso esforço deve ser voltado para quem ainda não está com a gente”, disse a professora.

A docente sugeriu também mudanças no padrão de linguagem tradicionalmente estabelecidos pelos sindicatos. “Quando mais coisa estiver na pauta, mais difícil será de comunicá-la. É preciso uma pauta simples, clara, sobre a importância de valorizar o serviço público e o servidor que executa a política pública”, argumentou. “Sem outras coisas que possam gerar dissenso entre nós e dificuldade de agregar segmentos da sociedade civil que não são necessariamente de esquerda”, afirmou a dirigente.

Durante a discussão, a proposta foi acrescentar à pauta e aos informativos à população críticas ao sistema da dívida pública, à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebsers) e ao novo arcabouço fiscal aprovado pelo governo. Os dois últimos pontos dividem, por exemplo, os professores



da UFRJ. A diretoria da AdUFRJ, inclusive, considera o arcabouço melhor do que o teto de gastos. O sindicato fez campanha em Brasília para retirada de um ponto específico do arcabouço: o dispositivo que permite o congelamento dos salários dos servidores, nos casos que a arrecadação não atinja a previsão do ano anterior.

AGENDA

1º de outubro
- Reunião do Setor das Instituições Federais de Ensino do Andes (Brasília)

2 de outubro
- Live do Fórum dos Servidores Públicos Federais, às 19h

3 de outubro
- Dia de Mobilização Nacional em Defesa dos Servidores e do Serviço Público com indicativo de paralisação
- Debate sobre arcabouço fiscal e espaço no orçamento para rea-

juste dos servidores, promovido pela AdUFRJ. Local e horário serão confirmados em breve
- Ato no Centro do Rio. Concentração e panfletagem em dois pontos: Eletrobrás (R. da Quitanda, 196, esquina com R. São Bento) e Candelária, às 15h. Encerramento na Avenida Chile, em frente à sede da Petrobras

4 e 5 de outubro

- Mobilização junto a parlamentares, com visitas aos gabinetes e vigília na porta do Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos

7 de outubro

- Plenária dos servidores públicos federais, em Brasília. No encontro será discutida possibilidade de greve do setor

7 e 8 de outubro

- Reunião do Grupo de Trabalho de Ciência e Tecnologia do Andes, em Brasília

DESCONTO EM VACINAS JÁ ESTÁ VALENDO

Já está em vigor o desconto do convênio recém-firmado entre a AdUFRJ e a rede de laboratórios Richet para a oferta de vacinas aos filiados.

As 32 imunizações disponíveis ficarão 25% mais baratas. Para desfrutar do benefício, o sindicalizado deve solicitar uma declaração pelo e-mail meriane@adufjrj.org.br e apresentá-la, junto de um documento com foto, em um dos laboratórios credencia-

dos. Mas atenção: antes é preciso agendar o serviço pelo telefone (21) 3184-3000.

A tabela de preços pode ser consultada com a funcionária Meriane Paula, do Setor de Convênios do sindicato. Pelo contrato, a imunização contra o herpes zóster cairá de R\$ 895 para R\$ 671,25; já a proteção contra o HPV cairá de R\$ 620 para R\$ 465. As unidades Richet que disponibilizam o serviço de vacinas

ficam em Ipanema, Tijuca e Barra da Tijuca.

UNIDADES CREDENCIADAS

- Ipanema: Rua Visconde de Pirajá, 315
- Barra da Tijuca: Av. dos Flamboyants da Península, 855/Loja S 206 a 209 - Shopping Península Open Mall
- Tijuca: Rua Pinto de Figueiredo, 31 - Loja B



Eleição de Conselho Tutelar revive disputa presidencial

> Brasileiros escolhem em outubro 30.500 conselheiros que vão zelar por direitos de crianças e adolescentes no país. Pleito opõe progressistas e conservadores e recria embate Lula x Bolsonaro

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Pouca gente se dá conta, mas no próximo dia 1º de outubro o Brasil voltará às urnas. Em um cenário que reproduz a dicotomia entre os campos progressista e conservador, os eleitores escolherão os novos conselheiros tutelares que serão responsáveis, nos próximos quatro anos, pela garantia de direitos de crianças e adolescentes de todo o país. Na eleição de 2019, o avanço das forças ultraconservadoras sobre os conselhos, sobretudo das denominações evangélicas mais retrógradas, como a Universal, ligou o sinal de alerta. Este ano, o campo progressista tem se mobilizado para levar os eleitores às urnas e reafirmar a necessidade de eleger conselheiros comprometidos com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

“As eleições para os Conselhos Tutelares deste ano assumem uma relevância sem precedentes. Além de ser uma oportunidade para escolhermos representantes dedicados à defesa dos direitos das crianças e adolescentes, é também um momento de reafirmarmos nosso compromisso com a democracia, que esteve sob ameaça nos últimos anos”, argumenta a pesquisadora Miriam Krenzinger, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ. “Em um cenário onde segmentos partidários e religiosos ultraconservadores estão se apropriando de espaços institucionais de poder e promoção da cidadania, é essencial que a sociedade se mobilize. Escolher representantes alinhados com os direitos humanos e os princípios democráticos é mais do que uma pauta, é um dever cívico”.

GARANTIA DE DIREITOS

Criados na esteira da redemocratização do país pós-ditadura militar, os Conselhos Tutelares foram instalados a partir de 1990, logo depois da aprovação do ECA. Os conselheiros atendem reclamações, reivindicam e solicitam ações feitas pelas crianças, adolescentes, famílias, comunidades e cidadãos. Agem também de forma preventiva, atentos a qualquer sinal de violência — física, psicológica ou sexual —, abandono, negligência ou situações de risco.

Os eleitores irão às urnas para



Escolher representantes alinhados com os direitos humanos e os princípios democráticos é mais do que uma pauta, é um dever cívico”

MIRIAM KRENZINGER
Professora da ESS/UFRJ

escolher 30.500 representantes em 6.100 Conselhos Tutelares. De acordo com o ECA, cada município brasileiro deve ter ao menos um Conselho Tutelar, composto por cinco conselheiros. O Estatuto prevê a proporção mínima de um conselheiro para cada 100 mil habitantes. Mas alguns municípios — como o Rio de Janeiro — estão longe da composição ideal.

“A cidade do Rio de Janeiro tem 19 conselhos e deveria ter, no mínimo, 63. Como cada conselho tem cinco integrantes titulares, a cidade não tem nem 100 conselheiros”, observa a professora Miriam Krenzinger. “Temos então aqui no Rio um déficit de garantia desses direitos. Isso é também reflexo da ausência ou do não cumprimento da defesa dos direitos da criança e do adolescente como uma questão central das políticas públicas”.

MOBILIZAÇÃO

Os setores progressistas têm se engajado para tentar barrar o avanço do campo ultraconservador. No Rio, foi criada uma plataforma que conecta eleitores com candidatos comprometidos com o ECA (veja link ao fim do texto) e debates e lives na internet têm alertado para a necessidade de se eleger conselheiros defensores de direitos humanos.

“A influência de valores conservadores e igrejas neopentecostais, em especial da Igreja Universal, nas eleições para o Conselho Tutelar pode ter sérias consequências. Esses grupos muitas vezes promovem uma visão moralista que pode ser prejudicial para a diversidade de identidades e realidades das crianças e jovens, especialmente aqueles que pertencem a grupos marginalizados, como LGBTQIA+, negros, indígenas ou com algum tipo de deficiência”, alerta a advogada Leticia Teles, integrante do Ocupa Tijuca, coletivo que tem se empenhado na

mobilização.

O Ocupa Tijuca vai promover duas rodas de conversa na região da grande Tijuca sobre a importância dessa eleição: domingo (24), às 10h, na Praça Xavier de Brito, e sábado (30), às 10h, na Praça Afonso Pena.

Leticia Teles e o psicólogo Caíque Azael, membro do Dicionário de Favelas Marielle Franco, publicaram um texto na internet em que ressaltam a importância das eleições do dia 1º. “Essas eleições desempenham um papel crucial na proteção dos direitos das crianças e adolescentes, bem como na luta contra a influência de valores conservadores e igrejas neopentecostais. Os eleitores têm o poder de escolher candidatos comprometidos com uma abordagem inclusiva e respeitosa dos direitos humanos, garantindo que nossas crianças e jovens cresçam em um ambiente que promova a igualdade, a diversidade e o respeito pelos seus direitos fundamentais”, diz o texto.

Caíque Azael chama atenção para outro aspecto peculiar desta eleição: “As eleições para o Conselho Tutelar também são uma oportunidade de fortalecer a separação entre Estado e religião. Em um Estado laico como o Brasil, é vital que as decisões relacionadas aos direitos das crianças e adolescentes não sejam influenciadas por crenças religiosas específicas, garantindo que todos os indivíduos tenham seus direitos respeitados independentemente de sua religião ou orientação espiritual”.

O psicólogo ressalta também a importância dos Conselhos em comunidades onde as violações de direitos de crianças e adolescentes são mais incisivas. “No contexto de favelas e periferias, onde atuo mais fortemente, essa discussão é central porque esses direitos são frequentemente violados, inclusive pelo próprio Estado. Quando ocupado por pessoas comprometidas com o ECA, o Conselho Tutelar pode ter um papel fundamental na articulação em rede e na defesa de direitos. Um conselho que veja essa juventude como um sujeito de direitos e não como um inimigo a ser aniquilado”, destaca Caíque.

Coordenadora-geral do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (Sepe-RJ) e integrante do grupo Sementes do Salgueiro, Sabrina Damasceno vivencia no dia a dia essas violações. “Temos sérios problemas de alfabetização no Salgueiro, o que foi agravado pela pandemia. E muitos problemas de saúde, principalmente relacionados à



falta de estrutura adequada de água e esgoto. Há vários pontos da comunidade com esgoto a céu aberto, e isso acarreta problemas, sobretudo para as crianças, com um ambiente insalubre. Precisamos de pessoas no Conselho Tutelar que nos ajudem nessas questões, que sejam parceiras da comunidade. São crianças e adolescentes expostas a situações mais vulneráveis”, diz ela.

PLURALIDADE

Procurador da República no Rio de Janeiro, Julio José Araujo Junior, destaca que o respeito à pluralidade é fundamental na ação dos conselheiros tutelares. “Nós, do Ministério Público, acompanhamos de perto a necessidade de cumprimento do ECA, do respeito à legalidade, à Constituição. Temos forte interação com os Conselhos Tutelares. Os conselheiros eleitos têm que ter preparação e atenção para respeitar a pluralidade de atores, de famílias, de modos de vida em nossa sociedade. Isso é fundamental para que a gente não vitimize sobretudo a população mais vulnerável com a prática de arbitrariedades”, destaca Julio, que é procurador regional dos Direitos do Cida-

ção no MP-RJ.

Muitas vezes, a prática de arbitrariedades citada pelo procurador parte de quem seria responsável por combatê-la. Na quarta-feira (20), um pastor evangélico, então assessor parlamentar da Câmara de Vereadores de Nossa Senhora do Socorro (SE), foi preso preventivamente e indiciado pela Polícia Civil por estupro de vulnerável contra uma adolescente. A vítima é filha da namorada do pastor. Detalhe: o criminoso era candidato ao Conselho Tutelar da cidade.

“Precisamos eleger pessoas que não reproduzam uma lógica racista, criminalizadora, misógina. Essa pessoa eleita vai ficar quatro anos incidindo diretamente na vida de crianças e adolescentes. É um poder imenso de entrar na vida das famílias e nos territórios. Esse poder pode ser usado para promoção e defesa, numa ação preventiva, mas pode ser utilizado com uma visão punitivista”, compara a professora Miriam Krenzinger.

O voto para os Conselhos Tutelares não é obrigatório. Mas, como se vê, é um voto fundamental. Ensinam os dicionários que o verbo tutelar, em seu sentido mais sublime, significa amparar, proteger, defender.

MAIS INFORMAÇÕES

Consulta aos locais de votação (Rio de Janeiro – RJ):
<https://eleicoeta.ctca.pcrj.rj/>

Conselhos Tutelares na cidade do Rio de Janeiro:
<https://www.cmdcarrio.com.br/enderecos.php>

Plataforma de candidaturas alinhadas ao ECA:
<https://aeleicaoadoano.org>



BioSemana, uma criação de alunos que encanta docentes

> Em sua 27ª edição, evento inteiramente organizado pelos estudantes de graduação da Biologia lotou o Centro de Ciências da Saúde e atraiu futuros biólogos e experientes pesquisadores

IGOR VIEIRA
comunica@adufrrj.org.br

A 27ª edição da BioSemana honrou a tradição. O maior evento acadêmico organizado pelos estudantes de graduação da Biologia lotou o CCS de segunda a sexta, da manhã à noite, com uma programação múltipla e palestrantes renomados. “Os alunos são muito bem organizados. Foi uma experiência muito positiva. É a minha primeira vez e vou adorar participar de novo”, disse a professora Cynthia Cardoso, do Departamento de Genética do Instituto de Biologia, e palestrante do tema ‘Farmacogenética da Terapia contra HIV’. “No final da palestra, os alunos fizeram perguntas ótimas”, comentou Cynthia.

ORGANIZAÇÃO

A estudante de licenciatura em Biologia Hieza Siqueira, integrante da organização da BioSemana, explicou como funciona a busca por palestrantes. “No final de cada edição, enviamos formulários para os participantes com sugestões de temas para o próximo ano”, contou. “Nós temos uma seriedade que se reflete no sucesso”, afirmou a estudante, no terceiro ano à frente da organização. “O nosso objetivo é ampliar os horizontes dos estudantes de Biologia, trazendo biólogos em diferentes áreas de atuação no mercado que, às vezes, não são contempladas pelo curso”, afirmou.

Gabriel Alcantara, do bacharelado em Biologia, é colega de Hieza na organização do evento. “A ideia da BioSemana é complementar a formação dos estudantes. Muitos irão para a área da saúde, ambiental, botânica. Por isso, tentamos abarcar todos esses temas”, explicou. “O maior orgulho que temos é ser um evento



CARL JONES biólogo galês fez a palestra de abertura da edição deste ano

tão grande e totalmente organizado pelos alunos. Além de trazer experiência para quem participa, ganhamos muita experiência organizando”.

“Ver os meus alunos organizando meu orgulho e admiração”, comemorou a professora Ana Lúcia Fernandes, da Faculdade de Educação, e diretora da AdUFRJ. Docente da Licenciatura em Biologia, Ana Lúcia participou da mesa redonda “Novo Ensino Médio: Inovação ou Retrocesso?”. “Eu já conhecia a BioSemana e, ao participar, vi a grandiosidade desse evento científico”.

A BioSemana atraiu até alunos de outras universidades, como Giovana Macedo, da Engenharia Ambiental da UniRio. “O evento agrega bastante. Conheci mais laboratórios e projetos de diferentes áreas, o que é uma oportunidade para saber com qual mais me identifico”, afirmou.

FUTURO E IMAGINAÇÃO

Uma das programações especiais foi o talk show de encerramento com o profes-

sor Fabio Scarano, do Departamento de Ecologia, que está na cátedra da Unesco “Alfabetização em Futuros”, em uma parceria com o Museu do Amanhã e a UFRJ. “Fui convidado para uma entrevista sobre carreiras e oportunidades. Gostei de participar. Foi bem espontâneo, e os alunos se mostraram interessados”, disse Scarano, que respondeu perguntas sobre seu trabalho na cátedra, biologia acadêmica e os saberes tradicionais indígenas, que conheceu através do seu trabalho.

Para ele, o diálogo funciona expandindo a imaginação. “Essa expansão é facilitada ao conversar com gente diferente da gente. A ideia dessa conversa é criar uma esperança ativa para que as coisas possam melhorar, no sentido do verbo ‘esperançar’”, arrematou o professor.

Pesquisadores de outras universidades também estavam presentes. “Eu organizei a palestra sobre ‘Impacto de Cães e Gatos domésticos sobre a biodiversidade da Fauna’”, disse a mestrandia em medicina veterinária da Universidade Federal

de Santa Maria, Luiza Isaia.

ESTRELA INTERNACIONAL

Em toda BioSemana, há um pesquisador de renome internacional. Esse ano foi a vez do galês Carl Jones, biólogo conservacionista que recuperou oito espécies nas Ilhas Maurício.

A palestra de Jones foi a preferida do estudante Joseph Guillemette. “Pagar passagem de ônibus, comer no bandeirão e assistir a uma palestra internacional? Nós nos sentimos abraçados pelo Instituto”, afirmou Joseph.

“Foi muito interessante. Carl Jones falou sobre o trabalho e a vida”, contou Rodrigo Tardin, professor do Departamento de Ecologia. “Ele passou uma mensagem otimista sobre o poder do indivíduo e como cada um tem importância na conservação, seja graduando, pesquisador, de qualquer área ou forma de trabalho”, completou. O docente também é diretor científico do Instituto Luísa Pinho Sartori que, desde 2010, patrocina a palestra de abertura da BioSemana.

QUEM FOI LUÍSA PINHO SARTORI

Luísa Pinho Sartori era aluna de Biologia da UFRJ, grande defensora da preservação do meio ambiente e fez parte da organização da BioSemana.

Ela, porém, faleceu em um acidente de carro em 2009. Seus pais fundaram o instituto em 2015 para apoiar jovens como a filha, mantendo viva a paixão e a esperança dela no Meio Ambiente.

O Instituto atua de diversas formas, incluindo o Prêmio Luísa Pinho Sartori, voltado para os alunos de graduação, público com oportunidades escassas de premiações e bolsas. “Nossa grande missão é fazer com que esses jovens brilhantes em início de carreira, com trabalhos práticos de conservação, tenham financiamento e uma base para seus projetos”, afirma Rodrigo Tardin.

Artigo

MAYRA GOULART

Presidenta eleita da AdUFRJ e cientista política

ANA BEATRIZ MAGNO

Jornalista e coordenadora de Comunicação da AdUFRJ

SINDICATO PRESENTE!

Sindicato era um tema que parecia démodé. Era assim até a tarde de quarta-feira, 19 de setembro, quando o assunto retornou ao noticiário internacional empoderado pela improvável parceria entre o presidente brasileiro e o norte-americano. Luiz Inácio Lula da Silva e Joe Biden firmaram o inédito pacto Parceria pelos Direitos dos Trabalhadores e Trabalhadoras. “Precisamos empoderar os trabalhadores. Disso se trata essa nossa parceria. Essa ideia foi desse senhor aqui”, disse Biden, em referência a Lula.

“Nunca tinha visto um presidente americano falar tanto e tão bem dos trabalhadores”, elogiou Lula, após assinar o tratado. Trata-se de um acordo bilateral que promete melhorar as condições de trabalho diante das transformações impostas pelas plataformas digitais, pela inteligência artificial e pelas novas tecnologias. O tema é caro para o Brasil e também para os Estados Unidos.

No momento, aliás, os Estados Unidos atravessam a primeira greve simultânea de sua história. Trabalhadores das três maiores montadoras americanas — General Motors, Ford e Stellantis — cruzaram os braços por melhores salários e por garantias de que não perderão os empregos com a ampliação da produção de carros elétricos. Pesquisas mostram que a nova tecnologia pode descartar mais de 30% da mão de obra da indústria tradicional.

Para enfrentar as novas tecnologias e defender os empregos, os sindicalistas americanos foram além das táticas clássicas do sindicalismo e se apropriaram de ferramentas digitais. A greve é liderada por Shawn Fain, um sindicalista entusiasta do velho Bernie Sanders, mas que defende uso incansável das redes sociais. É uma estratégia multifacetada, que, aliás, sem bairrismo, os professores da UFRJ usam e abusam desde 2015 no sindicato de professores da universidade.

O encontro nos Estados Unidos não apenas recoloca o mundo do trabalho no centro da discussão internacional, ele nos obriga a pensar os sindicatos não só como espaços de luta trabalhista, mas também como lócus de acolhimento e de defesa da democracia. “Não existe democracia forte sem sindicato forte”, sentenciou Lula, ex-metalúrgico que liderou greves nos anos 1980 e passou a semana estimulando seus assessores a visitar os sindicatos americanos. “Meu ministro de Trabalho passou o dia visitando os sindicatos que estão em greve”, completou.

Além do encontro com Biden sobre



o pacto trabalhista, Lula fez um discurso na ONU emblemático e centrado numa frase mote: “O Brasil está de volta”. Nessa afirmação, o presidente se refere não apenas à sua trajetória como personalidade internacional e à sua aptidão em circular nesses espaços, mas à própria vocação do país e de sua diplomacia, que remonta ao período de configuração das instituições internacionais no pós-guerra.

Foi nesse contexto, durante a presidência de Jânio Quadros — quando alguns países reagiram à divisão do mundo entre as duas potências da época, Estados Unidos e URSS, para fundar o Movimento Não Alinhado — que descobrimos nosso potencial para o soft power, isto é, aquele poder que não advém das armas ou do dinheiro, mas do prestígio entre os

pares. É a partir desse lugar de fala que Lula se empodera para defender um sistema multilateral que desafie as desigualdades econômicas, sociais e climáticas.

É também desse lugar que vem a legitimidade de Lula para pleitear um espaço à mesa com Joe Biden para discutir questões candentes do mundo do trabalho. Seu passado como líder sindical lhe dá esta autoridade, mas, sobretudo, sua condição de representante de um conjunto de países caracterizados pela superexploração do trabalho, enquanto atributo definidor de países de capitalismo tardio. Aqueles que entraram no jogo depois que as melhores posições já haviam sido ocupadas e que, pela reduzida competitividade tecnológica e/ou produtiva, buscam reduzir custos pelos

“

O encontro nos Estados Unidos não apenas recoloca o mundo do trabalho no centro da discussão internacional, ele nos obriga a pensar os sindicatos não só como espaços de luta trabalhista, mas também como lócus de acolhimento”

baixos salários.

Além dos baixos salários, estes países se caracterizam pelas altas taxas de informalidade e, por conseguinte, pela fragilidade do sistema de direitos trabalhistas, haja vista uma opção por parte de suas elites de ganhar competitividade reduzindo os custos com mão de obra. Tal opção, que certamente é mais complexa do que o mero voluntarismo de empresários individualmente considerados, reforça a estrutura de desigualdades que caracteriza o nosso país.

“A pobreza e a desigualdade não interessam a ninguém. E eu acho que estamos, em pleno coração dos Estados Unidos, tentando despertar a expectativa de uma esperança. Eu vivi 27 anos em uma fábrica. Eu vivi o desemprego, eu vivi o mundo das greves”.

Lula nunca banalizou o trabalhador nem as greves. Seu colega americano está aprendendo a lição. Lançou sua candidatura num sindicato e agora tem traçado várias parcerias com sindicalistas. “Os trabalhadores é que vão impulsionar a transição para energia verde, que vão tornar segura a cadeia de valor. Eles que vão gerar infraestrutura para manter forte a economia”.

E assim, lá e cá, no centro e na periferia do mundo, começa a ecoar um grito que, nós, na universidade, conhecemos bem: “Sindicato presente!”